

## TRAJES DE RAINHAS TRANS NAS QUADRILHAS JUNINAS

*Costumes of trans queens in the junine quadrilles*

Bessa, Ricardo André Santana ; Mestre; Universidade de Fortaleza,  
ricardoandrebessa@unifor.br

**Resumo:** Este trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado sobre trajes de quadrilhas nordestinas e seus destaques, focando na figura das rainhas transgêneros, também chamadas miss caipira gay ou mix, dependendo de sua região. Foi feito um levantamento bibliográfico sobre o tema, utilizando importantes pesquisadores.

**Palavras chave:** Quadrilhas juninas; rainhas trans; trajes

**Abstract:** This work is part of a doctoral research about northeastern quadrilles costumes and their highlights, focusing on the figure of the transgender queens, also called miss caipira gay or mix, depending on their region. A bibliographical survey was made about the theme, using important researchers on the subject as references.

**Keywords:** Quadrilles junines; trans queens; costumes

### Introdução

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de doutorado sobre trajes de quadrilhas juninas. No movimento junino destacam-se as rainhas transgêneros<sup>1</sup>, eleitas em concursos, também chamadas Rainha Gay, Miss caipira gay, Rainha Mix , ou mesmo rainha da diversidade, dependendo de sua região. Para melhor entendimento sobre as diversas nomeclaturas desses concursos, vamos chamar de rainhas trans para as identidades sexuais e de gênero como travestis, transexuais e transgêneros desses certames. Nos concursos de rainhas trans, elas são julgadas pela caracterização e pela performance ao executarem uma coreografia

---

<sup>1</sup> Transgênero (trans) é o indivíduo que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer. **Uma** pessoa transgênero é aquela que duvida do gênero (masculino ou feminino) que lhe foi dado quando nasceu (<https://www.significados.com.br/transgenero/>)

Foi feito um levantamento bibliográfico sobre o tema, utilizando importantes pesquisadores do tema como referências: referências: Luciana Chianca, Hayeska Barroso, Hugo Menezes Neto e Rafael Noletto. Durante a apresentação de uma quadrilha temos vários momentos em que as rainhas se destacam. São criadas apresentações especiais para elas, que originalmente não aconteciam, e que mostram que os trajes são essenciais para o brilho de uma rainha trans, e por consequência de uma quadrilha.

### **Quadrilhas Juninas**

A quadrilha no século XXI é uma dança coletiva formada por homens e mulheres, cisgêneros e transgêneros, que formam pares e dançam coreografias, ao ritmo de músicas populares ou especialmente compostas para estas ocasiões, tocadas pelos grupos chamados regionais. Originária de uma contradança de mesmo nome, suas origens no Brasil estão nas danças de salão trazida pela corte portuguesa em 1808 (ZARATIM, 2014, P.22), ela teve suas figuras e passos modificados ao longo do tempo e dos lugares em que foi sendo executada, primeira mente nas capitais e depois nos interiores. A princípio, eram quatro ou oito casais que se organizavam em duas filas uma em frente à outra, com as quatro extremidades formando um quadrado – daí seu nome francês, “quadrille”<sup>2</sup>(CHIANCA, 2007, P.49).

A quadrilha junina, tradicionalmente, apresenta-se com uma formação de pares cisgêneros, causando ainda discussão a presença de travestis, drag queens e transexuais nas apresentações, onde os pares devem ser compostos de homens e mulheres com belos vestidos, saltos altos, maquiagem e cabelo impecáveis, portando saias rodadas (geralmente com o suporte de anáguas e arames) e coloridas que irão parecer ganhar vida própria durante a execução dos inúmeros passos da dança. Os homens, com vestes igualmente coloridas, usam calça, camisa, colete e chapéu, e têm a responsabilidade de representar o há de mais viril do “cabra macho” do nordeste (BARROSO, 2016).

A tradição, mantida através da imagem de um homem e uma mulher, dama e cavalheiro que, nas palavras de Menezes Neto, forjam uma lógica sexista, “permitindo que sujeitos de diferentes identidades de gênero e de sexualidade, não apenas mulheres

---

<sup>2</sup> Quadrille significa quadrilha (<https://michaelis.uol.com.br/escolar-frances/busca/frances-portugues/quadrille/>)

cisgêneros, dancem como damas e representem a corporalidade ligada a um tipo específico de feminino” (MENEZES NETO, 2019, P. 210). Inserida na cultura popular, a quadrilha tem se reinventado na era da globalização, que voltou a ser uma celebração cidadina, mediada pelas tecnologias digitais.

Ao se apropriar dos ambientes virtuais, difundem suas práticas, valorizam a imagem dos grupos e indivíduos espalhados pelos interiores, bairros periféricos, grupos marginalizados e comunidades tradicionais. As festas tem uma função social e são um manifesto social de identificação cultural.

### **Rainhas Trans**

As quadrilhas foram sofrendo transformações gradativas no decorrer das últimas décadas. Antes espetáculos heteronormativos, as apresentações foram se transformando em palco da diversidade, inclusivas, onde brilham e colaboram para o sucesso das quadrilhas as rainhas trans, e também chamadas de rainhas G, ou rainhas da Diversidade, e ainda rainhas caipiras Gay. Não há consenso qual termo melhor se aplica, ou o mais usado, pois depende do estado e da região, mas sabe-se que essas rainhas estão inseridas no movimento LGBTQIA+<sup>3</sup>.

As primeiras rainhas trans surgiram em concursos promovidos pelas próprias quadrilhas, e hoje, de forma mais ampla, são organizados pelas federações nos estados. A escolha de uma rainha é sempre um evento importante nos processos que antecedem as apresentações em festivais onde brilham, em sua maioria, rainhas cisgêneros. Mas podemos exemplificar como o primeiro concurso de rainhas transgêneros, a miss Caipira gay no Ceará. Sobre esse concurso afirma Barroso:

O Miss Caipira Gay é o concurso mais antigo do gênero no Ceará. Promovido pela Quadrilha Ceará Junino há cerca de treze anos, nele é escolhida a Rainha G ou Rainha Gay do São João. A campeã representa o Ceará no concurso nacional. O Destaque Fequajuce não é uma competição exclusiva entre Rainhas G, e envolve outras categorias; somente a partir de 2014 foi incluída a categoria Rainha da Diversidade (BARROSO, 2016, P. 183)

---

<sup>3</sup> Lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, queer, intersexo, assexual e mais outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo, mas que não aparecem em destaque antes do símbolo.

Os concursos surgiram nas capitais e logo espalharam-se pelos interiores dos estados, passando a fazer parte dos eventos oficiais juninos. A presença trans é uma realidade hoje nas quadrilhas. Menezes Neto (2019) complementa:

Todavia, no Nordeste, as quadrilhas juninas envolvidas nos circuitos competitivos, aquelas de estética não-matuta, chamadas popularmente de estilizadas, cada vez mais intensamente agenciam essa lógica sexista, permitindo que sujeitos de diferentes identidades de gênero e de sexualidade, não apenas mulheres cis, dançam como damas e representem a corporalidade ligada a um tipo específico de feminino (MENEZES NETO, 2019, P. 210).

É preciso ressaltar que a socialização e aceitação das rainhas trans foi um processo longo mesmo que a comunidade gay seja parte essencial na produção e realização das quadrilhas, mas que representou um intenso processo de desconstrução de uma estrutura sexista e binária das quadrilhas.

A escolha de uma rainha trans traz maior visibilidade às quadrilhas e estas ocupam uma presença especial nas apresentações, sejam elas cisgêneros ou transgêneros. Nesse contexto, temos observado a realização de concursos de rainhas da diversidade ( Rainha Trans, Rainha Gay, Miss Caipira Gay, Miss Gay do São João ou Rainha Mix), seja antes do período junino ou durante o mesmo, em diversas regiões do Brasil, em especial no norte e nordeste. Esses concursos tem por objetivo dar mais visibilidade à diversidade sexual e de gênero ao movimento junino.

A maioria das quadrilhas escolhem suas representantes trans, que além de participarem dos concursos, também são brincantes das quadrilhas. A diversidade sexual e de gênero nas quadrilhas tem sido uma constante nas quadrilhas como resalta Barroso que “percebeu uma expressiva presença de gays, travestis e transexuais no universo junino do Ceará” (BARROSO, 2016, P.03).

A feminilidade, a beleza plástica, a maquiagem, os cabelos (perucas), acompanhados por uma coreografia empolgante, além do investimento em um traje marcante e luxuoso, são marcas das rainhas da diversidade.

Em 2022, o concurso Rainha Nacional da Diversidade elegeu a representante do estado do Piauí, Andressa Garcia, vista nas figuras 1 e 2. Antes, Andressa foi

escolhida Diva G Junina do Piauí 2021 e Rainha G Estadual 2022. O concurso nacional foi realizado pela Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas Juninas. Andressa (Em depoimento ao autor), chama atenção para o uso do termo trans:

A gente não se chama de rainha trans porque transexuais são pessoas que não se identificam com o gênero com que elas nasceram. Então a gente somos gay, nos identificamos como gays, a gente só se monta para dançar. Se montar é se maquiar, por a peruca. A gente se reconhece como homens homossexuais. A gente é gay mesmo. Então a gente fala rainha G ou rainha gay, ou rainha da diversidade, que já engloba tudo (Andressa Garcia, em depoimento ao autor).

Andressa tornou-se Rainha Gay participando de concursos que promoviam a diversidade no estado do Piauí, que tornou-se um estado respeitado no movimento junino, participando da quadrilha Luar do Sertão. O concurso foi realizado em Belo Horizonte, na capital mineira.

Figuras 1 e 2: Andressa Garcia, Rainha Nacional da Diversidade 2022



Fonte: <https://www.instagram.com/andressagarcia.a/>

Outro nome que destaca-se na categoria rainhas da diversidade é Ana Paula Arruda, da quadrilha pernambucana Junina Lumiar. É importante ressaltar que Ana Paula é a rainha principal da quadrilha, tendo sido a primeira mulher trans a ser escolhida como rainha e destaque de uma quadrilha nordestina. No Ceará, em 2018,

Cíntia Freitas destacou-se no universo das quadrilhas, sendo rainha da quadrilha Girassol do Sertão.

Para a rainha Adriana Séfora, uma personalidade dos concursos no Ceará, participar de concursos de Rainha G começou como uma brincadeira:

*Me tornei Rainha por brincadeira em 2013, participei de um concurso com tudo emprestado e de má qualidade e ganhei o primeiro título sem pretensão alguma, e desde então construímos uma história linda a qual me orgulho muito (Adriana Séfora, em depoimento ao autor).*

A presença de mulheres trans nas quadrilhas juninas é uma realidade, primeiro como força de trabalho, e segundo como figuras midiáticas que destacam-se e promovem as quadrilhas nas redes sociais como rainhas.

### **Os trajes**

Os trajes femininos são os que mais sobressaem-se numa apresentação de uma quadrilha junina, a partir da importância dos personagens que se apresentam, sendo que as rainhas muitas vezes superam os figurinos das noivas, seja pelos materiais mais luxuosos, tendo em vista que as noivas seguem o padrão “noiva” (vestido branco, arranjo de cabeça, meia-calça branca...), seja pela criatividade de acordo com o tema de uma quadrilha.

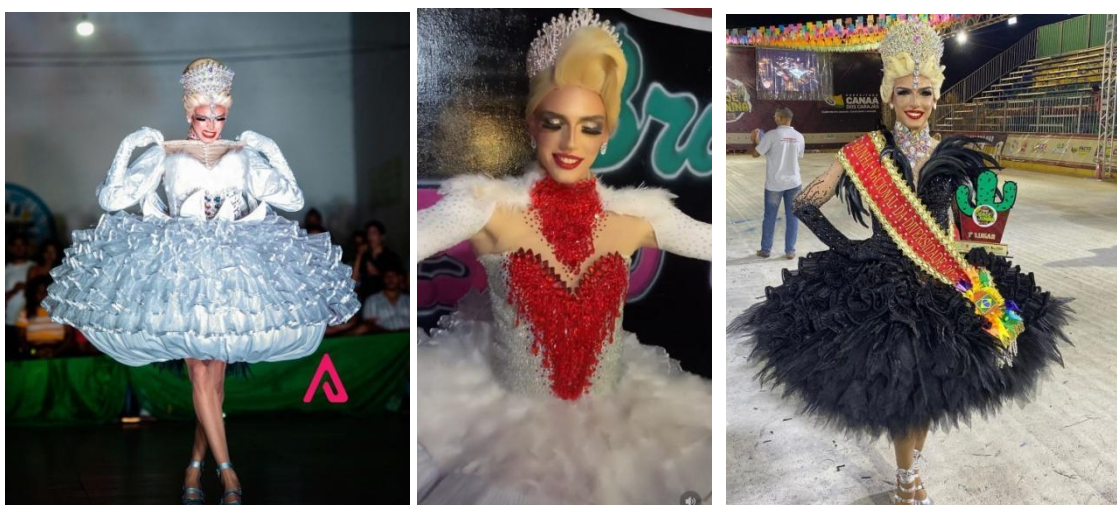
A palavra que define os trajes de uma rainha trans é o luxo. Toda rainha de quadrilha, seja cisgênero ou transgênero, vestem-se ricamente. Barroso contextualiza sobre os figurinos das candidatas em concursos de rainhas trans:

Os figurinos utilizados pelas candidatas não destoam daqueles tradicionalmente utilizados pelas mulheres nas apresentações das quadrilhas juninas. São vestidos com muitas aplicações de bordados e pedrarias, ajustados ao corpo até a altura do quadril, a partir de onde começa a saia, bem armada, não muito longa. A saia é um item indispensável na apresentação das rainhas, na medida em que ela integra parte estruturante do espetáculo coreografado. Embora eu fale de vestido, tratase, na verdade, de um composto de partes independentes: uma parte superior e outra inferior. A parte superior irei nomear de busto e a inferior de saia (BARROSO, 2016, P.189).



Todos os trajes são criados a partir do tema da quadrilha. Nos figurinos de Andressa Garcia (Figuras 3,4 e 5), vemos que ela usou uma sobreposição de peças sobre seu corpo.

Figuras 3, 4 e 5: Trajes de Andressa Garcia



Fonte: <https://www.instagram.com/andressagarcia.a/>

Andressa representou o cisne branco em sua primeira apresentação no concurso estadual piauiense de Rainha G, contando a história de um cisne branco que morre no final, como ela explica:

Eu estava representando o canto do cisne e tinha toda aquela história que o cisne morre no final e meu primeiro figurino tinha penas. Era um figurino mais simples, pra trazer a simplicidade, a delicadeza, e ele tinha um coração vermelho de franjas, que era pra fazer como se fosse um sangue, bem artístico, nada pesado, para simbolizar a morte do cisne. (Andressa Garcia, em depoimento ao autor).

A apresentação de Andressa é também marcada por um segundo figurino que cobre e esconde seu traje de cisne branco. É uma representação comum nas quadrilhas, cujas damas escondem seus trajes sobrepondo-os, causando expectativa e surpresa ao despir os primeiros.

No concurso nacional de 2022, Andressa trajou um vestido preto com penas, retratando o cisne negro. Sobre essa caracterização Andressa explicou que seu figurino

tinha uma luva preta, como se fossem as trevas, pensando na temática, e aliando essa em sua caracterização: “*Um figurino monocromático, trazendo esse preto, negro. Não usamos muitas pedras. Só acrescentamos uns detalhes de pedrinhas coloridas que brilham no tecido segunda pele*” (Em depoimento ao autor).

Figuras 6 e 7: Mary Fernandes



Fonte: [https://www.instagram.com/maryfernandes\\_oficial/](https://www.instagram.com/maryfernandes_oficial/)

Mary Fernandes foi escolhida Rainha G do Agreste 2022, concurso realizado na Paraíba, vista nas figuras 6 e 7. Podemos observar a importância das anáguas em sua caracterização, no volume das mesmas, que é uma marca dos trajes das damas de quadrilhas. A riqueza de bordados marca o corpo do vestido visto na figura 7, sendo que estes encarecem muito o custo final desses trajes.

Os trajes são costurados por profissionais do meio junino, muitas vezes especializados em determinadas partes do traje, como no caso das anáguas, quando não são feitos em ateliers especializados em trajes juninos, como o cearense Mãos-de-fada. Num concurso independente, geralmente são as rainhas que custeiam a confecção de seus trajes. Em certames em que as rainhas representam suas quadrilhas, elas recebem patrocínio. Andressa Sousa ressaltou, que independente da sua participação em concurso independente ou não, a quadrilha Lua de Prata, em que ela dança como dama, colabora,



ajudando-a, pois os custos podem ser altos e chegarem aos R\$3.000,00 como ela declarou.

Os figurinos das rainhas são compostos por partes: corpo, saia de cima e saia de baixo. Incluem-se em sua produção os cabelos (perucas), sapatos, meias e adereço de cabelo. Quanto mais bordados, mais caro será a caracterização.

Adriana Séfora é uma das mais antigas rainhas trans do Ceará. Seus trajes são criados por Edinaldo Oliveira. Sobre a importância do vestido em sua performance e valor deste, ela pontua:

*“O vestido da minha performance é fundamental para a minha evolução como Rainha, bem como a desenvoltura na coreografia. Procuramos pensar em cada detalhe para que não me atrapalhe em nada na hora da dança, mas que seja lindo e encha os olhos do público. O valor de um figurino completo, custa em médio 4 ou 5 mil reais . Depende muito do tema e material que vamos usar. As principais dificuldades, além do preconceito que sempre existe, é a falta de apoio através de patrocínios. O custo para ser uma Rainha é muito alto e requer investimento, no nosso caso, sempre buscamos o melhor .O nosso público merece isso” (Adriana Séfora, em depoimento ao autor).*

No trabalho de figurinista de rainhas trans juninas, Adriana Séfora cita o cearense Edinaldo Oliveira, criador de seus figurinos. Sobre o trabalho de criador de trajes de rainhas, ele destaca os detalhes importantes nos figurinos:

*“Todo detalhe conta na hora de criar um vestido para as rainhas. Dependendo da proposta de indumentária do grupo junino, os vestidos de rainha ganham um destaque dentro da história contada. Hoje figurino não é só beleza, ele é e faz parte da proposta temática que os grupos trazem pras competições. Elementos como material, cartela de cor, peso, proporções, bordado, etc., tudo conta muito, tanto no quesito estético como no temático. E que podem ser avaliados pelos jurados mais críticos dos festivais” (Edinaldo Oliveira, em depoimento ao autor).*

Ao ser questionado sobre as diferenças entre os vestidos de rainhas cisgêneros e rainhas transgêneros, Edinaldo complementa:

*“Antes de tudo temos que pensar em corpos diferentes, silhuetas diferentes, personagens diferentes.Em minhas criações eu levo em consideração essas coisas. Figurino para rainhas da diversidade (em suas maiorias são drags), por exemplo, eu gosto de criar conceitos mais "Camp", onde os exageros são mais bem aceitos pelas dançantes e público alvo.Mas para Rainhas cis e trans, há sempre uma busca pela delicadeza dos figurinos, porém, para as meninas trans, essa delicadeza precisa respeitar o momento de transição dos*

*corpos, para que elas se sintam bem dentro do figurino” (Edinaldo Oliveira, em depoimento ao autor).*

Nessa pesquisa encontramos ainda o ateliês paraibanos Ateliê 7 Rainha, especializado em coroas e arranjos de cabeça, que produz não só coroas, mas toda espécie de adereço de cabeça para quadrilhas e rainhas, e o Ateliê PV Alta Costura Junina. Há um grande mercado de artesão e comerciantes de trajes juninos no nordeste, mostrando como o movimento junino é importante para a economia circular dessa região.

### **Considerações Finais**

Uma rainha trans não passa despercebida em suas apresentações. Suas performances não são somente um desfile em traje de gala, como nos desfiles ou concursos de beleza, e exigem uma habilidade em dançar e interpretar uma personagem a partir de uma tema, geralmente ligado a quadrilha que participa. Seus trajes são essenciais nessas apresentações em que legitimam a importância de sua participação no movimento junino e também de seu espaço.

Os trajes são os elementos mais apreciados em suas apresentações. Mesmo com grandes dificuldades para custear sua caracterização, as rainhas trans estão sempre buscando patrocínios e apoios para custeá-los.

Os figurinos das rainhas trans sempre são espetaculares, tendo em vista suas apresentações e o custo elevado para produzi-los. Ao observar seus trajes, concluímos que são frutos de pesquisas, tanto na forma como no uso de materiais, e no campo da moda também, aproximando-se, em muito casos, dos figurinos de drag queens, com perucas volumosas, maquiagem chamativa e uso de materiais caros como bordados e penas.

As rainhas trans, ao tornaram-se figuras midiáticas, muito presentes nas redes sociais, passam a receber patrocínios, de acordo com o número de seguidores que alcançam, e isso é essencial no custeio de seus trajes e caracterização, e conseqüentemente, seu sucesso.



### Referências

BARROSO, Hayeska Costa. O São João é gay!!: horizontes interpretativos sobre as performances trans na festa junina no Ceará. 2016. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/34146/1/2016\\_art\\_hcbarroso.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/34146/1/2016_art_hcbarroso.pdf). Acesso em: 11 Set. 2022.

CHIANCA, L. D. O. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 10, n. 1, 2007. DOI: 10.5216/sec.v10i1.1722. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1722>. Acesso em: 11 set. 2022.

MENEZES NETO, Hugo. O São João Também é Trans: Resenha do filme de Thiago de Castro sobre a experiência das mulheres trans nas quadrilhas juninas de Sobral-CE. Rebeh-Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, v. 2, n. 03, p. 210-217, 2019.

MENEZES NETO, Hugo. O Balancê no Arraial da Capital: Quadrilha e Tradição no São João do Recife. Recife: UFPE, 2008. (Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco).

NOLETO, Rafael da Silva. " Brilham estrelas de São João!": notas sobre os concursos de " Miss Caipira Gay" e " Miss Caipira Mix" em Belém (PA). Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), p. 74-110, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/rQKVRvqhg3FPbyhgmJqFvFr/?lang=pt&format=html>. Acesso em 11 Set, 2022.

NOLETO, Rafael da Silva. Regulamentos da cultura: diversidade sexual e de gênero nos concursos juninos de Belém. Revista Estudos Feministas, v. 28, 2020.

ZARATIM, Samuel Ribeiro. MESTRADO INTERDISCIPLINAR PERFORMANCES CULTURAIS. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/378/o/Samuel\\_DF.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/378/o/Samuel_DF.pdf). Acesso em 10 Set. 2022.